

COMEMORAÇÃO

Palmas e afeto para pacientes que têm alta

MARCEL HARTMANN

marcel.hartmann@zerohora.com.br

Quando chegou à Unidade de Terapia Intensiva (UTI) especializada no tratamento de coronavírus do Hospital Universitário de Canoas, Arlindo Viana, 72 anos, tinha grande dificuldade para respirar. Ao longo de uma semana na qual, repetidas vezes, ficou à beira de ser entubado, se afeiçãoou à equipe médica. O afeto foi recíproco.

Ontem, ao receber alta da UTI para ser transferido ao leito clínico, o carinho entre paciente e profissionais da saúde teve uma despedida afetuosa: dispostos ao longo de um corredor, os funcionários deram adeus a Arlindo com palmas, balões e cartazes nos quais se lia frases como “Palmas pela vida” e “Mais uma etapa vencida”.

Todo o ritual levou menos de dois minutos, mas tirou lágrimas e se refletiu em sorrisos estampados nos olhos – as bocas, por força da pandemia, eram cobertas por máscara e face shield.

– Foi maravilhoso. Heróis são eles, pelo trabalho, pela dedicação, pelo carinho e pelo respeito – afirmou Arlindo, logo após passar pelo corredor de palmas.

Inspiração

Hospitais brasileiros, inspirados por ações realizadas na Itália, na Espanha e nos Estados Unidos, organizam corredores de palmas para quem tem alta da UTI para a enfermagem de leito clínico (área de menor gravidade) ou da enfermagem para casa. Em alguns casos, toca-se uma música à escolha do paciente.

Não há modelo para as despedidas. No geral, minutos antes da alta, profissionais convocam colegas, e quem está disponível entra no corredor da alegria, de um jeito bastante informal.

No Hospital Universitário de Canoas, celebrações ocorrem em casos especiais, como o de Arlindo, por quem profissionais nutriram profundo carinho, ou por Palmira Sacilotto de Oliveira, 90 anos, a paciente mais velha já tratada com coronavírus na instituição, onde ficou internada por quase um mês. Hipertensa e com insuficiência cardíaca, ela apresentou piora em espiral e chegou a ser tratada com cuidados paliativos na enfermagem.

Na tarde de uma terça-feira do



Funcionários aplaudem recuperados e utilizam balões e cartazes

“

Foi maravilhoso. Heróis são eles, pelo trabalho, pela dedicação, pelo carinho e pelo respeito.

ARLINDO VIANA

Paciente de coronavírus que teve alta da UTI e foi para o leito clínico

fim de julho, Palmira recebeu a tão esperada alta. Foi surpreendida na saída com um corredor de palmas, balões e um “certificado” de curada.

– Muito bonito. Estava cheio de gente. Eu estava com muita vontade, queria muito voltar pra casa – conta Palmira, sentada ao lado da filha Marta.

Estar em uma UTI mexe com o emocional do paciente com coronavírus. Além do medo e da angústia de se confrontar com a morte, enfrenta a distância da família. Sem contato externo, surgem dúvidas: alguém da família se infectou? Alguém está mal? Morrerei sozinho, sem agradecer a todos ou receber uma palavra de amor?

As palmas são, de certa forma, também para a própria equipe de saúde, que vê o esforço coletivo sendo concretizado na volta de uma pessoa para casa, destaca o enfermeiro intensivista da CTI Covid do Hospital de Clínicas de Porto Alegre Ruy Barcellos. A instituição criava com frequência corredores de palmas até poucos dias atrás – agora, a frequência diminuiu porque a instituição está sempre sobrecarregada.

– É uma forma de comemorar o

sucesso do trabalho e os esforços de cada pessoa da equipe que atendeu o paciente – reflete.

A alta de um uma mãe e de um filho pouco antes do Dia das Mães é uma das melhores lembranças de trabalho da enfermeira intensivista do Hospital Conceição Giovana Skonieski.

– Trabalhar em CTI é muito cansativo, mas altas nos dão força para continuar. É muito gratificante ouvir dos pacientes o quanto foram bem tratados e amparados – diz Giovana.

Música

No Hospital de Clínicas de Passo Fundo, todas as altas para casa contam com corredor de palmas e música ao vivo. Quem toca são voluntários, que fazem um rodízio para participar da ação.

Para quem segue internado, o som das palmas traz força para lutar, salienta Daniela Haygert, enfermeira da UTI Covid do Hospital Conceição. Há quem pergunte: também vou ganhar aplausos? O desejo de atender a esse pedido move profissionais como Daniela. Dias atrás, uma súplica feita por uma paciente, na entrada da UTI, foi marcante.

– Me salvem, por favor. Eu tenho dois filhos pra criar – disse a mulher, apertando forte na mão da enfermeira, protegida por uma grossa luva.

Ao descrever o episódio, minutos antes de sair para o hospital, Daniela desabafa:

– Se Deus quiser, farei o corredor de palmas para ela. Sinto que os pacientes precisam muito da gente.

CONFIÁVEL?

Rússia registra vacina sem submeter à fase 3 de testes

CAMILA KOSACHENCO

camila.kosachenco@zerohora.com.br

A notícia de que a Rússia registrou a primeira vacina contra a covid-19 virou o assunto de ontem em todo o mundo. Batizado de Sputnik V, o imunizante ainda não foi submetido à fase 3 de testes em humanos, na qual um grande número de pessoas recebe as doses para testar sua segurança e eficácia. Ainda assim, Kirill Dmitriev, chefe do Fundo Russo de Investimento Direto (RDIF), garantiu que a imunização em massa no país se inicia em outubro.

Em entrevista ao *Gaúcha Atualidade*, o médico Luciano Goldani, infectologista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), disse que a notícia gera questionamentos:

– Sabemos que as vacinas precisam seguir as fases 1, 2 e 3 para seu desenvolvimento. E a Rússia está autorizando sem ter realizado a fase 3, que é a final e demanda muito tempo.

Mayra Moura, diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), observa que uma das grandes dúvidas que paira é a de como a Rússia conduziu os estudos. Segundo ela, há normas internacionais que devem ser seguidas ao realizar ensaios clínicos.

– Essas regras foram necessárias após a Segunda Guerra Mundial, quando aconteceram atrocidades. Os nazistas testavam coisas absurdas – detalha.

– Quando a gente recebe a notícia de que um país como a Rússia, que não publicou estudo ne-

nhum, que não tem demonstrado nenhum dado, registrou a vacina, o mínimo, é questionar a eficácia e a segurança – completa Mayra.

Eduardo Sprinz, chefe do Serviço de Infectologia do HCPA, reforça o coro da falta de informações sobre o imunizante. Segundo ele, por ora, só se ouviu falar sobre testes em laboratório, seguidos de testes em voluntários, que teriam induzido a produção de anticorpos e teriam segurança.

– Não estão preocupados em fazer ciência. É uma fase que todos estão seguindo e eles pularam – diz Sprinz.

Incerteza

De acordo com a agência de notícias russa Interfax, a partir do registro, o imunizante será levado para a terceira e última fase de testes. Para Mayra, isso não condiz com as normas internacionais para regulamentação de um produto, que ocorre, apenas, ao término da fase 3.

– A grande questão dessa vacina é que não podemos dizer que não funciona, mas não podemos afirmar que funciona, pois, a comunidade científica não tem acesso aos resultados desses estudos.

Sprinz defende que se cumpram todos os processos que norteiam a ciência para aprovar um imunizante. É pouco provável que órgãos reguladores, como o norte-americano Food and Drug Administration (FDA, similar à Agência Nacional de Vigilância Sanitária no Brasil) validem as doses.

Imunizante chinês se mostra seguro e eficaz, diz artigo

A vacina contra a covid-19 desenvolvida pela chinesa Sinovac se mostrou eficaz e segura na segunda fase de testes clínicos a qual foi submetida. Divulgado em site pré-print – não revisado por pares e não publicado em revista científica –, o artigo apresenta resultados de centenas de voluntários.

Na terceira e última etapa, com pesquisa sendo conduzida em 12 centros brasileiros, é o imunizante em teste no Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob coordenação do Instituto Butantan.

Para realizar o estudo referido no artigo, foram admitidos

600 voluntários saudáveis, com idade entre 18 e 59 anos. Cada um recebeu duas doses do imunizante ou do placebo. De acordo com os pesquisadores, apresentou boa capacidade de resposta imune.

No que tange à segurança, os desenvolvedores observaram que as doses foram bem toleradas e sem relatos de problemas. A reação adversa mais relatada foi dor na região da aplicação. Na conclusão, os pesquisadores apontam que a vacina se demonstrou segura e eficaz nas duas dosagens que foram testadas.

A pesquisa vai reunir 9 mil voluntários, todos profissionais da saúde, em 12 centros de todo o Brasil.